

# TERRA

Semanário Anarquista

# LIVRE

N.º 6—1.º ANO

Diretor: PINTO QUARTIM  
Propriedade do grupo editor da  
**TERRA LIVRE**Publica-se às 5.ªs feiras  
Redação e administração  
Rua das Gaveas, 55, 1.ºEditor: JAIME DE CASTRO  
Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS  
R. do Poço dos Negros, 8r

PREÇO 20 RS.

SINDICALISTAS E ANARQUISTAS

## A proposito duma discussão

A discussão travada em torno deste assunto e originada por uma conferência do nosso colaborador Manuel Ribeiro e um artigo de Emílio Costa, também colaborador nosso, pôde parecer—talvez a quem desconhece a origem e o sentido deste amigável debate—uma contenda entre facções adversas, entre o sindicalismo de um lado e o anarquismo do outro, digladiando-se e hostilizando-se reciprocamente.

Tal não sucede, porém.

Nós todos, como Manuel Ribeiro, como Emilio Costa, damos alto valor ao movimento sindical e reconhecemos a necessidade da autonomia e independência da organização e ação operárias.

Nós todos—e precisamente porque somos anarquistas—queremos que o povo se emancipe a si mesmo, por suas mãos, aceitando ou repelindo livremente os conselhos e auxílios eventuais dos seus amigos ou inimigos; queremos que todos os interesses e aspirações se organizem livremente, buscando exercer o papel e a influência de que são capazes.

Nós todos sabemos e proclamamos que a questão económica é fundamental, e como ela fundamental é a organização económica dos trabalhadores, para defesa dos seus interesses mais comuns e reivindicação dos seus direitos mais essenciais.

A nossa troca de ideias, toda familiar, não sai do âmbito duma serena discussão de princípios, que, no fundo, versa principalmente sobre o mais ou menos largo sentido de certas palavras, o maior ou menor conteúdo de certas doutrinas, a direção mais ou menos acentuada de certas tendências.

No *essencial* estamos todos de acordo, nós, Manuel Ribeiro e Emílio Costa. Caminhamos todos na mesma direção, defendemos todos os mesmos métodos e a mesma tática. Estamos todos do mesmo lado da barricada, na mesma "linha de fogo"...

Quanto ao *Sindicalista*, aos camaradas que o redijem e ao movimento de que ele é órgão não temos necessidade de lhes

repetir a expressão da nossa solidariedade e da nossa profunda simpatia—viva e ativa simpatia que, certamente, teremos mil ocasiões de proclamar.

Se porventura pode favorecer equívocos o facto de ser a discussão travada, de um lado nas colunas do *Sindicalista*, e do outro nas da *Terra Livre*, o camarada Manuel Ribeiro, nosso estimado colaborador, sabe que tem a seu dispor o seu e nosso jornal, esta folha onde ele e outros poderão livremente espôr as suas opiniões sobre o assunto.

O *Sindicalista* é um órgão revolucionário, mas de classe; o nosso é de ideias. Está bem. Compreendemos. E temos até prazer em que a discussão prosiga, de parte a parte, no nosso semanário: assim, mais facilmente se evitarão os equívocos e melhor se evidenciará o carácter da polémica, não entre pessoas, mas entre ideias.

## Factos e comentarios

13 de março

13 de março de 1911 é uma das datas que o operariado da região portuguesa não esquece facilmente. Ele marca o principio da já longa serie de violências cometidas contra o povo trabalhador pela joven Republica tão avara em cumprir as copiosas e falazes promessas com que engodou o povo durante a epoca de propaganda oposicionista, quão prodiga tem sido em encarceramentos, perseguições, calúnias infamadas, logros e traições e até em assassinios para com o mesmo povo.

Fez na quinta feira ultima, 13, precisamente dois anos que o povo operario de Setubal, então em greve, foi agredido a tiro pelos mercenários daquela guarda tão odiosa quando se chamava *municipal*, e tão querida e considerada depois que foi crismada com o nome de *republicana*. Nessa luta entre o povo que trabalha, que reclamava contra a angustiada situação a que os proprietários das fabricas de conservas o vinham condenando desde ha muito, e os parasitas legais e assassinos agaloados pagos pelo povo para defeza dos interesses da burguezia que o explora, resultou grande numero de operarios feridos e a morte de dois deles: Mariana Torres e Antonio Mendes.

O dia 13 de março é pois uma data que marca o divorcio da Republica com o operariado. Recorda-la é uma lição de historia, um exemplo a apontar aos injenuos operarios a quem

ainda resta qualquer esperança no pavriado balofo dos políticos. Outra intenção, certamente, não teve a Associação dos Trabalhadores das fabricas de Conservas de Setubal ao organizar no dia 13 passado uma manifestação ao tumulto das duas vitimas da tirania capitalista e estatista, manifestação essa que se revestiu duma imponencia nada vulgar.

### O 42.º aniversario da Comuna

Não vamos faser um artigo ezaltando aquela grandiosa epopeia proletaria que se conhece na historia com o nome de a *Comuna* porque de todos é conhecido aquele sublime movimento revolucionario afogado em sangue pelo infame governo republicano de Thiers. No entanto vontade teriamos em tirar desse facto historico todo o ensinamento que ele nos pode dar, porque seria proveitoso apontar os erros que lhe causaram a derrota para nos precavermos deles numa tentativa semilhante. A falta de espaço, porem, não nos permite, o que sentimos porque se na historia daquela revolução a burguesia muito tem que aprender, o operariado que confia na ação dos partidos políticos, qualquer que seja o seu programa e a forma a que aspirem, monarquicos, republicanos e socialistas que se derijem a conquistar o poder pela força ou pelas eleições, não tem menos lições a receber.

Como de costume, nos outros anos, algumas coletividades solenizaram aquela data historica com sessões de propaganda social, as quais foram muito concorridas e entusiasticas, mostrando os que nelas tomaram parte estarem dispostos a seguir o exemplo que nos legaram os trabalhadores parisienses e a trabalhar sem descanso até á realização completa dos seus ideais.

### Fr. Tomaz

M. J. da Silva, o genuino deputado socialista, aproveitou a comemoração da Comuna para «fazer sinceros votos para que definitivamente se acabe com as divisões e desconfianças, seguindo-se ideias e só ideias, moralizando-se as lutas politicas e sociais,» porque «todos os homens são irmãos». Sabem como esta pobre grande figura compreende a fraternidade que prega, e pratica a moralização que advoga? E' chamando aos propagandistas do sindicalismo e do anarquismo «especuladores sem escrupulos»; é dizendo que eles compreendem a anarquia bem, mas «convem-lhes especular para lucrar»; é escrevendo que eles «mentem ao operariado», que é «a vaidade, a ambição e a inveja que os leva a ser trapaceiros para irem triunfando». Nem menos. O desprezível pateta!

### O nosso inquerito

Por ter chegado tarde o original do 2.º artigo do nosso amigo dr. Adolfo Lima sobre *Sindicalismo e Anarquismo* interrompemos hoje o nosso inquerito que proseguirá no numero imediato.

### Misterios...

Toda a gente sabe que fogos e terramotos deixam muitas vezes, mercê dum imperdoavel abandono do Ente Supremo, de respeitar as Igrejas. Como se explica que Deus, depois de cometer a asneira de deixar cair o raio

na sua santa casa, nem se digne reedifica-la de um sopro, ele que tantas dezenas dem ilagres faz em Lourdes, na roda do ano?

Ora porquê! porque os designios do Supremo Arquitecto são impene-traveis...

### Diálogo edificante

—Se casarmos abandonarás o teu jornal?  
—Sem duvida  
—E a associação também?  
—Tambem  
—E as reuniões com os teus camaradas?  
—Certamente  
—Bem, vê agora se ha alguma coisa que espontaneamente possas abandonar...  
—Se tenho!  
—O quê?  
—A idêa de casar contigo.

### A opinião da Imprensa

*Terra Livre* é o nome dum novo semanario de propaganda libertaria, que apareceu no dia 13 do corrente, sob a direção de Pinto Quartim.

*Terra Livre* publicará notas sobre o movimento operario rural, tendo encarregado dessa parte da redação o nosso camarada Carlos Rates.

Rogamos a todos os camaradas e sindicatos que auxiliem *Terra Livre* onde encontrarão mais um baluarte para sua defeza. (Do *Trabalhador Rural*.)

Visitou-nos o 1.º numero da «Terra Livre» semanario anarquista de Lisboa. Como era de supor, o jornal é bem feito e tem esmerada colaboração, sendo digno de rejisto o artigo de Emilio Costa, que mais uma vez veio, com a sua autorizada pena, reforçar o que temos publicado sobre sindicalismo. O seu preço é de 20 réis. Toda a correspondencia para a redação, R. das Gaveas, 55, 1.º.

Ao estimado confrade as nossas felicitações e que tenha longa e prospera vida. (D'A *Revolta*.)

### No proximo numero:

*O feminismo e a mulher proletaria* por Neno Vasco.

*Amor fecundo e amor esteril* por Nelly Roussel.

*A greve dos ventres* de Joana Du-bois.

*Amor livre* estudo de Madeleine Vernet.

## Buizel em liberdade

Apoz tres dias de julgamento, foi absolvido no tribunal militar de Santa Clara, o nosso camarada José Buizel e seus companheiros implicados no suposto «complot» de Portimão.

O que foi a imundicie desse processo e o que foi o julgamento, diremos no proximo numero.

O professor Buizel faz hoje, ás 20 horas, uma conferencia na Casa Sindical.

## Revista dos jornais

### A atirar poeira aos olhos

Sobre o que vale a ação parlamentar, sobre o que valem as reformas, depõe o sr. deputado M. J. da Silva no ultimo numero do seu jornal *A Voz do Povo*, pelo teor e forma que vão ver. É a proposito do projeto de lei que estabelece em Lisboa uma Bolsa de trabalho. Leiam:

«Era minha intenção, como disse, propôr que igual concessão se generalisasse ao Porto, que não menos que Lisboa precisa d'essa instituição. Succedeu, porém, que não estando de vespereado o projeto para ordem do dia, e não esperando que ele se discutisse tão cedo, fui com uma pessoa de minha família à consulta, ao medico dr. Costa Junior, donde saí para ir à camara, sendo já 3 e meia horas da tarde e chegando ali às 4 horas.

Foi-me então entregue por um continuo um bilhete de pessoa estimada, que pertence ao Centro Socialista de Lisboa, para ir à sala de espera, por motivos urgentes. Saí, e fui em procura da pessoa referida, que não logrei encontrar. Voltei então à sala e, com extraordinario espanto, notei que estava em discussão, aprovando-se nesse momento o ultimo artigo, o projeto de lei estabelecendo a Bolsa de Trabalho, em Lisboa.

Perguntei ao deputado Ladeira o que se passára e soube então que o projeto fôra aprovado na generalidade, sem discussão e que na especialidade o sr. Ramos da Costa, pela comissão de finanças, explicara a modificação por esta proposta, e o sr. ministro do fomento declarara que não dispunha de mais de 200\$000 réis para a instalação da Bolsa, o que o dr. Silva Ramos, relator, declarara aceitar em nome da comissão.

Fiquei como que doido. O proprio deputado Alfredo Ladeira estava completamente desalentado. Nem o caso era para menos. A maneira como aquilo foi resolvido significa, nem mais nem menos, que a aprovação do projeto teve apenas em mira atirar poeira aos olhos dos que apregoavam que a monarquia nada fazia em favor dos trabalhadores, mas que a republica faria tudo.»

### Em paga

A proposito de um aspeto qualquer do prelio evolucionista-democratico, escreve a *Republica* referindo-se aos democraticos:

«Ouviram em silêncio a apostrophe indignada e sangrenta com que, do palco, os mimoseou um conhecido e prestigioso anarquista de Setubal cujo animo se não compadeceu a deixar passar sem castigo a estúpida intolerancia d'esses agentes passivos e inconscientes duma política de tiranias e de odios.»

Bem está. Mas, guindado que seja o sr. Antonio José ao poder, a mesma *Republica* gritará «Alto!» ao prestigioso anarquista, incluindo-o no numeroso «agentes provocadores», «falsos apóstolos» e «esploradores mal intencionados»; e a mesma *Republica* lhe rosará «Cautela!», classificando-o entre «essas raises maleficas que são os «meneurs», os agitadores de profissão, os especuladores das situações turbadas».

No fim de contas é divertida a porca da vida politica!

### Mel pelos beiços

«Politicamente, vivemos numa ditadura disfarçada; administrativamente, vivemos em franca ditadura; e em materia de regalias individuais, vivemos numa deploravel tirania. É preciso respeitar os direitos da estrema esquerda revolucionaria e respeitar os direitos da estrema-direita monarchica.

«Não me atemorizam as opiniões dos monarchicos, como não me atemorizam as opiniões dos sindicalistas. Que essas opiniões se manifestem e se expandam, dentro dos limites impostos, não por leis arbitrarías e liberticidas, mas pelas proprias condições normais da ordem social.»

Assim disse o sr. Alfredo Pimenta, marechal evolucionista em uma recente conferencia proferida em Evora.

Rejista-se.

...Para quando o illustre marechal retificar a sua opinião.

### Velho sonho

Um jornal reproduz do *Heraldo de Madrid* estas palavras:

«A Espanha tem de tomar partido por qualquer das agremiações que se manifestam na Europa, para assistir, quer mediante conversações entre as chancelarias, quer por outros meios conducentes ao mesmo fim, a uma nova delimitação geografica de varias nações do nosso continente.»

Conversações... outros meios... No fundo invasão, conquista, imperialismo em ação: invasão aristocratica, monarchica e militar; conquista pelos inimigos do proletariado. Estamos, porisso, com Bakounine. Lembrem-se do que dizia o grande revolucionario?

### Barril do lixo

E que importa á França que a Russia seja aquela Russia dos massacres de janeiro, dos gelos da Sibéria, de tantas coisas tenebrosas e horripilantes que uma literatura desgredada e louca nos revela? — *Alfredo Pimenta* — «Republica», de Lisboa (4 de março de 1913).

### Museu de asneiras

...porque a vida supõe movimento, ideia, esforço, aspiração e crença, — o que significa ou plenitude ou tendencia para a atinjr... A vida é um facto que não sofre discussão. O pensamento que a quer penetrar comete o mesmo crime que o punhal que trespassa um coração. — *Joaquim Manso* — «A Capital», de Lisboa (7 de março de 1913).

## Crónica internacional

### NA RUSSIA

após a depressão sofrida com o esmagamento da revolução, depressão que atinjiu o ponto mais baixo em 1910, acentua-se o movimento ascensional, revolucionario, sindical e grevista. Entretanto, em virtude do grande desenvolvimento industrial dos ultimos tempos, em virtude da formação dum forte proletariado industrial, talvez tenha passado a ocasião para uma transformação revolucionaria puramente politica. Parece que a evolução social russa terá bastantes analogias com a germanica.

Em 1910 houve 222 greves com 46.000 operarios; em 1911, 466 greves com 105.000 grevistas; em 1912, 1.918 greves, 683.000 grevistas.

64 % das greves, com 75 % dos grevistas, foram politicas ou de solidariedade (contra os morticínios do Lena, as do 1.º de maio, etc.) Em 1910, havia 8 greves de caracter politico, com 4.000 grevistas; em 1911, 24 com 8.000 operarios, em 1912, 216 com 511.000.

Aumentou igualmente o numero das greves economicas: em 1910, foram 214 com 42.000 grevistas; em 1911, 442 com 97.000; e em 1912, 702 com 172.000. Destas greves, 8 % tiveram por fim um aumento de salario; 5 % foram contra o aumento de horas de trabalho. Cerca de 10 % terminaram com a vitória total dos operarios e mais de 30 % com uma parcial. 40 % das greves não duraram mais de 3 dias.

O número total dos dias de greve foi de cerca de 2 milhões.

Apesar dos sacrificios, sempre necessarios, as greves são úteis mesmo derrotadas; e os operarios não tem senão este e outros meios de ação direta para fazer valer os seus direitos e respeitar a sua dignidade.

### NA ESPANHA

ajita-se cada vez mais o caso Queraltó, já com larga repercussão em França e na Bélgica. Como ainda não nos refe-

rimos a este caso, vamos rapidamente espô-lo desde começo.

Um medico do clerical «Patronato da luta contra a tuberculose na Catalunha», tratando dum joven tuberculoso, achou que devia praticar, sem razão medica conhecida, a ablação da inscrição «Viva a anarquia», tatuada no braço do infeliz.

O boletim do patronato felicitou o clínico, declarando ter ele assim provado que se preocupava tanto com a salvação da alma como com a do corpo!

Lendo isto, um medico eminente, o dr. Queraltó, escreveu indignado que a ablação praticada era nociva ao doente, desumana e sem interesse científico. E sustentando uma polémica, acrescentou que os medicos do patronato que aprovavam tais processos mereciam a cadeia. Daí, dois processos por injurias, sendo o dr. Queraltó condenado a 2 anos e 4 meses de desterro para além de 25 quilometros em volta de Barcelona!

O caso causou enorme indignação, tendo-se realizado grande numero de comícios. Ao protesto aderiram muitos jornais, mesmo moderados, e mais de 300 sociedades politicas, científicas e operarias. As manifestações tiveram igualmente eco no estrangeiro.

Entretanto o dr. Queraltó apelava das sentenças; mas uma delas foi confirmada e a outra agravada, elevando-se a pena a 7 anos de desterro, a 4.500 pesetas de multa e às custas do processo!

Contra este brutal desafio á justiça redobrou o protesto no país e no estrangeiro. A condenação, aliás, causando no momento um grande prejuizo material ao dr. Queraltó, pela perda da clientela e pesados gastos sofridos, no processo e na mudança, e sendo em todos os casos uma violencia inqualificável e intolerável, não vem senão honrar o illustre clínico e homem de ciencia, favorecer a difusão das suas notaveis obras científicas, premiadas por academias de hygiene e de medicina, e dar eco ás suas avançadas ideias sociais, como as que ele espôs no seu importante trabalho: *Aspeto social da luta contra a tuberculose*. Nessas ideias acaba ele de afirmar que persistirá cada vez com maior firmeza.

## Movimento libertario

### FRANÇA

**Os anarquistas no tribunal.**—Por ocasião do conflito austro-russo, quando a guerra impendia (impende ainda) sobre a Europa, os revolucionarios viram que era a hora de falar claro e alto. O *Mouvement anarchiste* distinguuiu-se no arrojado, e por isso dois redatores seus, Lecoin e Ruff, foram processados pelas «leis celeradas» e acabam de ser condenados a 5 anos de prisão e 3 mil francos de multa cada um!

O processo foi uma bela sessão de propaganda. As festemunhas, Pierre Martin, Dumoulin e Jacquemin, explicaram a necessidade das palavras corajosas e decisivas em certos momentos: contra a guerra forçoso é recorrer a todos os extremos — de palavras primeiro, de actos depois. Esses extremos não foram empregados só pelos anarquistas, mas pela C. G. T. e pelo partido social-democratico (mção Keir Hardie-Vaillant, por exemplo). A greve geral e a insurreição contra a guerra foram preconizadas por todos. Do seu lado, os acusados justificaram altamente a sua conduta.

Depois da sua condenação, Ruff foi ignobilmente brutalizado pela policia, em presença do proprio Guichard, o mesmo bruto que maltratou Gauzy e lhe injuriou obscenamente a mulher. Manietado, Ruff foi precipitado por uma escada e pisado aos pés. Os selvajens policiais puseram-lhe a cara a escorrer sangue, torceram-lhe os testiculos (como em Montjuich!) e, como ele desmaiou, bateram-lhe com a cabeça no corrimão, para o despertar! A esposa de Ruff, que protestava, foi espancada e baixamente insultada. Eis a policia.

## Varias noticias

● Deve aparecer no dia 1 do proximo abril o 1.º numero de um panfleto semanal de critica de costumes, de Francisco Moreno e Vitor Falcão, intitulado *A Cambada*...

Segundo nos dizem os seus autores esta publicação é destinada a revelar todas as manifestações da parvoice indijena e da «pouca vergonha» nacional, e caracterizar-se á pela ausencia de preconceitos partidarios e por dizer verdades sem o manto diafano. Cada exemplar custará 20 réis.

● No *Sport Grupo Liberdade*, sito na travessa dos Remedios, 17, realisa-se no proximo dia 30 de março, ás 20 h 2 horas, uma velada social promovida por uma comissão em beneficio do companheiro José da Silva Gonçalves, vendedôr de jornais operarios e anarquistas, que se encontra na mais estrema miseria com dois filhos.

O grupo dramatico *União Operaria*, do Alto do Piná, desempenhará os dramas em 1 ato *O Criminoso* e *O Despertar*, e os entre-atos dramaticos *A paz e a guerra*, *O anti-patriotismo* e *A caminho do futuro*.

Varios companheiros cantarão canções sociais e a trupe musical João Maria Ramalho, fará ouvir o seu repertorio.

Os bilhetes, ao preço de 100 réis, encontram-se á venda na casa Sindical, rua dos Prazeres, á Praça das Flores; Centro de publicações, a Inter-nacional, rua do Carmo, 15; Quiosque Elegante, Rocio; e na Chapelaria Oliveira, rua dos Poiais de S. Bento, 91.

● Recebemos do nosso camarada José Beney, atualmente em Setubal, uma circular notificando-nos a invenção de um metodo de escrita tanto ou mais rapido que a taquigrafia e pelo qual os caracteres correspondentes aos sinais alfabeticos romanos e algarismos vulgares são todos construidos por meio de pontos e traços em linha réta sobre pequenos quadrados, alinhados e impressos a preto e em coincidência rigorosa com os quadrados duma pauta quadriculada impressa num azul muito leve em folhas separadas de papel.

Para as despesas preparatorias inevitaveis da vulgarização desse metodo de escrever, como, por ezemplo, a aquisição de mui reduzido material tipografico especial, gravuras da pauta quadriculada, papel de impressão e — cousa essencial — custeio da vida do inventor durante o tempo em que se ocupar nesse trabalho, precisa aquele nosso camarada dalgum dinheiro; e como o não tem roga a todas as coletividades operarias, seus companheiros e amigos que, no limite dos seus recursos e na proporção da sua boa vontade, o auxiliem neste empreendimento.

Qualquer importancia destinada ao fim esposto pôde ser dirigida ao sr. Antonio Cortez, caixeiro da Tipografia e Papelaria Albino, Avenida Todt, 414. D., esquina do Largo do Carmo.

● Um grupo de dedicados amigos e companheiros de luta resolveu promover uma *matinée* a favor do nosso presado colega *O Sindicalista*, *matinée* que deverá realizar-se no segundo domingo de abril, numa das mais vastas casas de espetaculos da capital.

Nessa festa, que promete ser coroadada dum esplendido ezito, serão representadas tres peças de caracter social e educativo, ainda não conhecidas em Portugal, e cujo desempenho está a cargo de dois grupos de amadores dramaticos.

● O amor do filho é para a mãe um necessidade organica, e o infanticidio seria uma impossibilidade se a sociedade cessasse de considerar como desonrada a mulher que se dá livremente aos prazeres dos sentidos e se assegurasse indistintamente a ezistencia de todos os filhos. — *Frederico Stackelberg*.

## Medicos e Medicina

No artigo que, sob este mesmo titulo, publicamos no ultimo numero da *Terra Livre* depois de por varias considerações termos chegado á conclusão de que a profissão de medico era, atualmente, imoral e anti-social, prometemos tratar no numero de hoje da moralização da profissão medica.

Mas afinal em que consiste a moralização da profissão medica? Parece-nos que será em fazer desaparecer o que há de contraditorio entre o papel teorico do medico e o uso que esse medico, na pratica, faz da sua profissão. Será, em suma, fazer com que a profissão de medico se torne compativel com o bom estado de saúde da humanidade.

E será isto possivel?

Emquanto o medico não conheceu os agentes patogenicos que provocam os variadissimos desequilibrios organicos chamados doenças, essas doenças consistiam para ele unicamente nos sintomas.

Consequentemente a terapeutica de então era essencialmente *sintomatica*. Sabia-se por exemplo que a antipirina combate a febre e a todos os febricitantes se administrava antipirina sem que alguém se preocupasse de saber as causas da febre. Era o estado embrionario da terapeutica dando logar a imensos erros por vezes mesmo perigosos pois que se ministrava a mesma droga para doenças muito diversas só porque tinham um ou mais sintomas semelhantes.

Pouco a pouco, porem, foram-se conhecendo os seres, na sua maioria microscopicos, que pela sua presença no nosso organismo provocam doenças. E desde então a terapeutica passou a dirigir-se cada vez mais contra esses seres inferiores cada dia mais numerosos e cuja influencia deletéria é cada vez mais vasta. O medico passou a preocupar-se cada vez menos com os sintomas e a ligar uma importancia sempre crescente ao agente patogenico dia a dia melhor conhecido. A ciencia medica tomou desde então um caracter mais positivo, mais *cientifico*. Antes de se aplicar qualquer droga nova faziam-se nos laboratorios largas esperiencias *in vitro*, e *in vivo* sobre animais de especies muito proximas do homem, de modo que quando o medico começava na sua clinica a empregar essa droga, fazia-o já com uma certa segurança que provinha do conhecimento das doses em que o podia impunemente manejar, da sua ação fisiologica sobre o organismo humano, etc.

Sob o impulso desta nova orientação, a terapeutica progrediu extraordinariamente, inventaram-se uma quantidade incalculavel de medicamentos no-

vos... e o numero de doentes cresceu assustadoramente!

Como interpretar este facto?

Hericourt, no livro já por nós citado "As Fronteiras da Doença", falando das fases que se podem observar em qualquer doença, diz:

"Uma doença instalada, francamente declarada, é sempre a terceira étape da doença. Esta, com efeito, passou sempre por uma primeira fase, que corresponde ao ataque do organismo pelo mal; e por uma segunda fase, de duração mais ou menos longa, correspondendo á compensação das funções perturbadas e á reação medicadora deste organismo."

E depois de manifestar a opinião de que é sobretudo nestes dois primeiros periodos que a intervenção do medico pode ser util ao organismo, intervenção que não se dá porque o doente conserva a sua apparencia de saúde, Hericourt diz que no terceiro periodo, aquele em que o doente se começa a sentir mal e em que o medico é então chamado, "o periodo do mal que acaba, seja pela sua extinção natural, ciclica, seja pela dos doentes, o medico não pode trazer, na grande maioria dos casos, senão socorros relativamente inuteis ou impotentes."

E mais abaixo continua:

"Se o medico, em vez de doentes a tratar em tão más circunstancias, tivesse sobretudo criaturas saudaveis a preservar, doenças a prever e a esterilizar na sua orijem, quanto mais util não seria a sua ação, e quanto mais elevados não seriam o seu papel social e o seu carater moral!"

A terapeutica causal, que representa sem duvida um avanço sobre a terapeutica sintomatica, é considerada hoje insufficiente, impotente para resolver o problema da doença. O que é necessario na opinião de Hericourt entre outros, é *impedir as doenças e não curalas*.

E' um novo metodo, a *medicina preventiva* que se levanta contra a medicina classica, a *medicina curativa*.

Este novo metodo traz consigo uma modificação nas relações entre o medico e a sociedade.

Com efeito é necessario que o medico, ao contrario do que sucede atualmente, tenha interesses na raridade das doenças.

Hericourt fala-nos então da organização da assistencia medica na China onde cada familia tem um medico, a quem ela dá, por dia e por membro, uma pequena quantia, variavel segundo os recursos do chefe de familia. Logo, porem, que um dos membros da familia adocece, o medico deixa de receber a parte dos seus venci-

mentos correspondente a esse individuo que só voltará a receber quando o doente recuperar a saúde. "Este costume, diz Hericourt, tão honroso para o medico como proveitoso para os seus clientes, mostra nitidamente que o papel do medico na familia é sobretudo impedido que a doença lá entre e se instale."

Mas o que são afinal de contas estas associações de clientes, de que Hericourt nos fala tão entusiasticamente, senão os nossos partidos medicos?

Sabemos muito bem que os medicos nas associações ou nos partidos não fazem medicina preventiva.

Essa medicina preventiva só a poderia fazer um medico que tivesse a seu cuidado um reduzidissimo numero de familias, de modo que pudesse diariamente observar todos os seus clientes. E então só poderiam gosar dos beneficios da saúde, da propria vida, as familias abastadas, a burguezia. Porque os pobres, a grande massa dos assalariados, tendo de se associar em grande numero para poderem garantir a existencia do medico, não podem esperar que esse medico zele cuidadosamente pelas suas saudes, pois que a qualquer medico é absolutamente impossivel atender diaria e cuidadosamente mais que a um reduzido numero de clientes. Eis pois um obstaculo, um grande obstaculo mesmo, mas que não é o unico nem o maior.

Com efeito, supunhamos que o medico de um partido ou associação de individuos pobres conseguia o impossivel, isto é, arranjar maneira de zelar cuidadosamente pela saúde de todos os associados. Naturalmente o seu primeiro cuidado seria pesquisar a orijem dos males que afligiam os seus clientes. E constatava então que estes eram pessima e insufficientemente alimentados, que habitavam casebres onde o ar e a luz nunca tinham penetrado, que dormiam familias inteiras, numa promiscuidade perigosa, em casas de pequenissima cubagem, que trabalhavam mais do que as suas forças lhe permitiam e em pessimas condições higienicas, que se alcoolizavam, etc., etc.

O medico é, pois, levado pela natureza da sua missão a preocupar-se com todos estes assuntos, a estudar a maneira de remover todas estas causas de intoxicación, de desequilibrio organico, de doença em suma.

O medico é levado pela natureza mesmo da sua missão a combater a presente organização social que mantém pela violencia, pela força, na miseria e na ignorancia, a grandissima maioria dos homens.

Assim como o ministro, o padre, o militar e o capitalista são por natureza conservadores, amigos da ordem que

lhes mantem o *direito* ao mando e á exploração, assim o medico é naturalmente um inimigo da ordem burguesa, da ordem violentamente imposta, que nega á grande maioria dos homens o direito á saúde, á felicidade, á propria vida!

E quando o medico educando os trabalhadores, tornando-os conscientes dos seus direitos, lhes prega a revolta contra o atual estado de coisas, e os incita a trabalhar por uma sociedade sem miseraveis e onde a ciencia esteja ao alcance de todos, ele faz mais do que nunca medicina porque procura remover esses dois obstaculos que na vida pratica encontra constantemente no desempenho da sua missão — a Miséria e a Ignorancia.

Aurelio Quintanilha

(estudante de medicina).

## Fernando Pelloutier

No número de *La Bataille Syndicaliste* de quinta-feira passada, Jorje Yvetot, um dos secretarios da C. G. T., relembra Pelloutier e a sua obra com um artigo interessante. Traduzimos algumas passagens.

"Fernando Pelloutier, que morreu, ha já doze anos (a 13 de março de 1901), na plenitude ardente da sua tarefa e das suas esperanças, deixou-nos a prova viva de que o sindicalismo revolucionario nascera muito antes da nossa C. G. T. na sua forma atual. Deixou-nos ainda, além da sua bela obra — a "Vida Operaria em França", uma "Historia das Bolsas do Trabalho", verdadeiro breviario do militante."

Depois de falar do valor revolucionario das uniões locais (ou regionais) de sindicatos, Yvetot escreve:

"A Federação das Bolsas de Trabalho e aquele que dela foi a alma, Fernando Pelloutier, já não existe; mas o principio federalista que animava uma e o espirito libertário que animava o outro não desapareceram... A vaidade dos vivos em vão tentará fazer esquecer mortos como esse."

Em seguida, Yvetot transcreve e comenta passagens do escrito de Pelloutier já publicado em português pela Brochura Social sob o titulo de: "A União dos Sindicatos e a Anarquia", e conclue:

"Se, compreendendo que teem nas suas mãos toda a vida social, os trabalhadores se habituarem a só de si tirar a obrigação do dever, a detestar e despedaçar toda e qualquer autoridade estranha, os burguezes e os imbecis julgarão insultá-los chamando-lhes anarquistas.

"A isso responderão corajosamente redobrando de zelo.

"Como Fernando Pelloutier, terão compreendido que o papel e o fim do sindicalismo são também os da anarquia."

Urbain Gohier

# ÀS MULHERES

Na campanha que temos vindo a fazer contra o flajelo do militarismo, devemos ter a nosso lado, como auxiliares, todas as mulheres honestas que são dignas de ser amantes, esposas e mães.

Ha mulheres que fundam sociedades para socorrer feridos: está bem; mas melhor será impedir que possa haver feridos a socorrer. Ha mulheres que fundam ligas para convidar os governos a manterem a paz; está bem; mas educar as novas gerações por forma a não quererem a guerra, será melhor ainda. Enquanto tivermos como garantia da paz a magnanimidade dos *tzars* dos *kaisers* e dos *queens*, não poderemos estar tranquilos; a paz só será definitiva quando os povos tiverem resolvido não suportar a guerra.

Ora os homens são, em toda a parte, aquilo que as mães tiveram feito deles. Porque é que as mães deixam crescer e enraizar-se nos cérebros de seus filhos, em lugar de os arrancarem de lá, os instintos selvagens e os preconceitos ferozes? Porque consentem elas que se lhes encha a cabeça de lendas mentirosas e se lhes corrompa o coração com uma moral de assassinos?

Certamente é um espectáculo bem lamentavel o que nos dão os Copée, os Lemaitre, os Rochefort, todos os velhos tremulos e estropiados que querem brincar aos soldados. Quando eram novos, a sua fealdade e a sua inabilidade privava-os de mulheres; as suas taras físicas e a sua cobardia afastavam-os do serviço militar; caídos na velhice, são atacados pelo sadismo patrioteiro e pelo sadismo secular; não podem ver a saia suja duma mulher feia e desajeitada nem os calções dum oficial de dragões, sem se babarem de entusiasmo, gaguejando: "ga... ga... ga... Amor... ga... ga... ga... Vitória." Confranje os corações este espectáculo; mas emfim... são ruínas. Cem vezes mais doloroso é ver crianças, rapazitos inocentes brincando ás guerras, que se mascaram de soldados, que brandem espadas e acarinhos espingardas, que só sonham com massacres e só falam em matar. Que serão as mães destas desgraçadas crianças?

A caserna devia inspirar a todas as mulheres um odio implacavel, pois é lá que os homens aprendem a desprezar a mulher. Neste foco de vícios brutais, de perversões ignobeis, de indizíveis doenças, os melhores tornam-se maus. Eu ouvi o nosso honrado amigo Alemãne gritar nas reuniões: "Mães!

não são nunca os vossos filhos; raparigas! não são nunca os vossos irmãos e os vossos noivos que a caserna vos dá!". Palavras terríveis e profundamente verdadeiras! Reparai bem para o rapaz quando volta de lá. Julgais reconhecê-lo, não é assim? Pois vem mudado. Ele terá olhares, terá palavras que vos hão de ferir, que vos hão de inquietar imensamente, que vos farão entrever um abismo. Entre esse ser que volta da caserna e vós, pobre sirmansitas, tristes e galantes amorosas, ha qualquer coisa de irreparavel.

Como muito bem disse Freycinet, ministro da guerra, todos voltam do rejimento moralmente diminuidos; a maior parte deles veem fisicamente estragados, tuberculosos, sífilíticos, alcoolicos; outros nem mesmo regressam; as conservas envenenadas, a febre tifoide, os conselhos de guerra, os batalhões de Africa, as companhias de disciplina, as penitenciarias imundas esperam a sua presa. As expedições coloniais fazem hecatombes tremendas. E as mulheres calam-se!

Havia mulheres, mães e irmãs no campo de Sathonay, quando foi passado em revista o 200.º que as intrigas de Felix Faure destinavam ao esterminio. Na Italia, as mulheres de Pavia não toleraram que o infame Crispi enviase os seus filhos ao matadouro africano. Em França, as mães e as irmãs aclamavam os filhos e os irmãos que partiam para Madagascar e que iam roubar, apregoando o direito do mais forte, a terra dum povo sem defeza. A febre e a desinteria, peores que as espingardas, castigaram cruelmente este entusiasmo impiedoso. Mas mesmo que a guerra não fizesse victimas entre os nossos, era ainda o assassinato, a violação, o saque, o incendio que ela anunciava para "o inimigo". Ao saber que lhe mataram o filho, ou

ao saber que o filho, o noivo, o irmão matou, incendiou, violou criaturas honestas e boas deviam experimentar uma dôr quasi igual. Que imensa tristeza não tornar a ve-lo! Mas que espanto e que horror voltar a ve-lo coberto de sangue, assassino, bandido, carrasco!

O flajelo militarista é mantido pelos cuidados e para proveito dos militares profissionais. Qual a causa habitual das vocações militares? A mulher. Desde a lei de 1889, é, sem duvida, necessario juntar a isto a preocupação do privilegio; corre-se ás Escolas porque elas presreavam da caserna; segue-se a carreira de oficial porque é a unica forma de não se ser soldado. Mas nos cerebros de dezoito anos a mulher desempenha um papel decisivo. Aos rapazos levianos, estouvados, o uniforme aparece como uma armadilha admiravel para conquistar seus fins; para os jovens calculistas, para os que tem *senso pratico*, o uniforme representa a isca que pescará o gordo dote. Ha mães que educam os filhos e os impelem para a vida militar com esta esperança confessada. São mulheres, que conhecem as outras mulheres, que conhecem as raparigas?

Pois bem, as mulheres não terão vergonha? Não se sentirão humilhadas por passarem por selvagens que se deixam fascinar por um trapo vermelho, por um botão doirado, por qualquer coisa reluzente? Não corarão por passarem por *détraqueés*, por dejenneradas a quem o cheiro do calçado queimado e suado e dos musculos lassos, enlouquece como Messalina, atraída ás sentinas de Suburra pelo suor dos gladiadores.

Desde a femea das cavernas ás senlorinhas e ás radiosas senhoras do concurso hipico, a mulher tem a maior parte de responsabilidade na cabotagem guerreira dos machos. Era já tempo de resgatar os males que tem causado. Quando a mulher quizer mostrar que é mulher pelo pudor e pela piedade, quando ela temer pelos seus filhos, pelos seus irmãos,

pelo seu amante, pelo seu noivo a lepra física e a lepra moral, quando tiver sentimentos elevados em vez de sensações baixas, quando a sua consciencia compreender que o roubo, a violação, o incendio e o assassinato, praticados com calções encarnados e com botas altas de montar, não diferem das proezas de um Tropaman ou dum Vacher civis — ela declarará guerra á guerra, e consequentemente guerra ao militarismo.

Educará os seu filhos na ezecriação dos grandes estranguladores, no horror aos grandes crimes que celebra a imoral historia; aos filhos, fará sentir o desgosto pelo vicio crapuloso e o odio pela violencia cega, brutal, criminoso; ás filhas inspirará o desprezo pelos fatos agaloados, empenachados, ridiculos, e o horror da matança.

Quando isto acontecer, a caserna e o militarismo terão os seus dias contados, terão vivido seu tempo.

(Aurore, 27 de março de 1899)

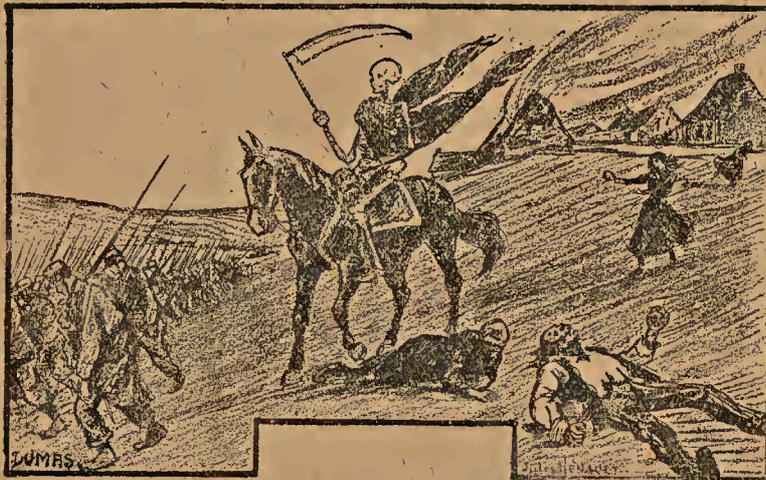
● A união livre presuppõe a igualdade do homem e da mulher. Pelo contrario a união legal não liberta a esposa, ainda que esta seja de maior idade, da tutela da familia senão para a submeter ao despotismo do marido. Infeliz daquela que, enganada na sua boa fé, se casa com um homem grosseiro ou desordenado. A lei é terminante: «A mulher deve seguir o marido para toda a parte». Arruinada, maltratada, não poderá abandonar o lar conjugal até que a justiça, depois de muitas delongas e grandes despesas, permita o divorcio ou a separação.

Como consequencia, disto a mulher, aniquilada pela lei, entregue por um codigo anacronico ao capricho do marido, tenta lutar contra a força por meio da astucia, e torna-se frequentemente maliciosa e perfida.

Neste estado de antagonismo declarado ou occulto, a mulher perde tudo o que faz o encanto do seu secco. A razão e a dignidade estão do lado da união livre, porque esta, muito melhor do que o matrimonio legal, conserva a pureza dos afetos e renova o amor. Em todas as epocas, o sentimento humano, mais forte do que os preconceitos, fez aparecer esses tipos de enamorados ilejitimos transmitidos pela historia ou criados pela lenda. Hero e Leandro, Abelardo e Heloisa, Paulo e Francisca de Ramini, etc. Que lar burguês, por mais honesto que seja, inspira mais ternura do que os protagonistas da novela do abade Prevost?

A união livre corresponde por outro lado á marcha do progresso social. A estatistica estabelece que nas grandes cidades, e principalmente em Paris, o numero dos individuos que vivem maritalmente fóra da lei e o dos nascimentos naturais aumentam de dia para dia e em proporções relativamente muito superiores ao aumento da população — Carlos Malato

● O *feminismo*, reclamando para a mulher os pseudo-direitos politicos que atualmente só aos homens são conferidos, em uma epoca cuja tendencia é libertar todo o ser humano da vexatória opressão de todas as leis dos codigos, — não pode deixar de ser ou um produto de mentalidades morbida-mente constituídas e pessimamente orientadas, ou uma aspiração estreita de corações egoistas, alheios a qual-quer sentimento de fraternidade e de amor. — Pinto Quartim.



A GLORIA MILITAR

## CONTOS E VERSOS

## Na prisão de mulheres

de Luisa Michel.

Havia em S. Lazaro, entre as meretrizes, uma criatura alta e forte, cabelos muito pretos, olhos ardentes, voz retumbante e brutal. Chamava-se Clarisse, mas as companheiras tinham-lhe dado a alcunha de Loba.

Muito nova tinha passado pela casa de correção e, é claro, o regime celular, em vez de lhe domar o caráter estranho, apenas lho azedára: as prisões matam a consciencia e secam o sentimento; as mulheres que por lá passaram voltam iracundas e perversas para a vida: pouco a pouco a sombra triste da célula lhes corrompeu o coração. Para se tornarem mulheres de novo, bastaria a estas desgraçadas

um bom raio de sol,  
um bom raio de amor,

como canta o poeta; mas a sua vida notâmbula priva-as do benéfico raio de sol e o amor faz delas vítimas. Pobres seres que as condições sociais destruíram da sociedade!

Clarisse era tida como das mais perigosas; a seu respeito corriam os mais terríveis boatos em que se alternavam sem descanso o ezagero e o horror. Segundo umas, matara dois homens, segundo outras arrancara os olhos a mais do que um rival. O que é facto é que era o Terror de saias e as suas próprias companheiras tinham dela um medo endiabrado.

Encontrei-a pela primeira vez no pateo: a irmã de caridade infligira-lhe uma severa reprimenda, que Clarisse levára a mal, respondendo no mesmo tom. Estava furiosa. Acerquei-me e disse-lhe devagarinho, docemente:

— Vamos, vamos, não se aflija, minha filha; a cólera nunca deu bom resultado.

— Que te importa? Eu nem sequer sei quem tu és!... Olha a introneta!

E como eu insistisse com brandura, apertou-me fortemente os braços, berrando-me com voz rouca junto à face:

— Ouve lá: se queres apanhar uma escarmenta, teima em meter-te na minha vida. Eu cá não gosto de que os outros metam o nariz nos meus negócios. A freira ralhou-me sem eu o merecer, acusou-me de ter escondido a chave do dormitório, e não é verdade, não, não é não!

E gritava agora isto, encolerizada, com o punho formidável estendido para a pobre freira. Arrastei comigo, a custo, a presa; e quando chegámos a um canto do pateo repeti-lhe:

— A menina faz mal, irritando-se desse modo... De que

servem os berros e as injurias?

— Ai! é porque a senhora é boa; mas olhe que sempre servem para alguma coisa, os palavrões: as carrasças e as beatas ficam a saber que não nos metem medo.

— E depois?

— E depois? Ora depois... — e assim ficou sem dizer mais nada.

— Está a ver que tenho razão. Remirou-me rapidamente e redarguiu:

— A senhora é uma mulher pacífica, mas nem todas assim podem ser. Olhe: eu cá nunca pude ver uma injustiça sem me revoltar.

Sorri e repliquei:

— Ha casos em que é preciso sofrer até a injustiça, o que não tira de modo algum que devamos tratar de a combater com todas as nossas forças.

— Mas a senhora quem é? perguntou-me ela, olhando-me fixamente.

— Luisa Michel.

— Luisa Michel? aquela que durante a Comuna chegou o fogo aos quatro cantos de Paris, que foi deportada para a Nova Caledónia?

— Estive com efeito dez anos na Nova Caledónia, mesmo sem ter chegado fogo a coisa alguma.

— Mas a senhora chamam-lhe a petroleira, ainda me lembro. Eu era pequena, mas lembro-me como se fosse hoje. E então, se a senhora nada fez, porque a mandaram para o degredo?

— Só porque combati com os meus irmãos pelo triunfo da justiça.

Clarisse, atónita, arregalou os seus grandes olhos negros, e eu, notando que lhe escapava o verdadeiro sentido das minhas palavras, comecei a dar-lhe pouco a pouco a minha primeira lição de humanidade. Apenas terminei, agarrou-me nas mãos, balbuciando:

— E' bem verdade o que me diz: sim! a causa de todas as desgraças é a miséria. Se não fosse a miséria, estaria eu aqui? Olhe, eu que lhe falo seria com certeza uma mulher como as outras, se ao menos tivesse tido a sorte de ganhar o pão trabalhando. Mas em Paris, não é? a vida é dura; e depois, com franqueza, nunca aprendi um officio. Passei toda a minha mocidade na Casa de Correção.

— E seus pais? não trataram de a educar?

— Meus pais? Esses estavam bebidos desde manhã até á noite. Um dia meu pai, numa ocasião de delirio, matou minha mãe. Mandaram-no para as galés, e eu, sem um parente

que me recolhesse, fui encerrada no Hospício da Infancia Abandonada. Aos treze anos, mandaram-me para uma quinta dos arredores de Paris, confiando-me a uma familia de camponeses ignobilmente brutais, que de comer só me davam o bastante para me sustentar de pé, mas batiam-me em paga todo o santo dia. Um dia cansada, fiz-lhe uma limpeza nas gavetas e safei-me para Paris. Apanharam-me e mandaram-me para a Casa de Correção, onde travei amizade com mulheres que me meteram nesta indecente vida que tenho agora. Que havia eu de fazer ao sair da cadeia? Eu nunca na minha vida fizera nada, os atestados que podia mostrar estavam bem longe de me recomendar; o abismo tragou-me,—fui uma perdida.

E concluiu com um nó na garganta e os olhos razos de agua.

— E olhe que eu afinal não era má, pode crer; o meu gosto todo seria fazer-me mulher honrada... mas não pude, bem vê. Tive que descer, passo a passo, a ladeira do vicio, como lá diz a gente rica, e aqui estou onde me vê. Agora estou á espera de ser transferida para uma reclusão: tenho para dez anos.

E a desgraçada explicou-me então que, num momento de furor, por certo lejítimo, dera uma facada no triste individuo que lhe servia de rufião.

Em breve nos fizemos boas amigas: Consegui mesmo suavizar um pouco o seu genio excessivamente violento, e naquella infeliz que todos temiam, que todos julgavam a ultima das criaturas, descobri eu inegotáveis tesouros de gentileza e de bondade. Clarisse fizera-se um demonio unicamente para se nivelar com as suas companheiras de orjia; mas no fundo esta prostituta tinha um coração de criança.

Quando me deixou, para passar para a reclusão de Clermont—onde eu mais tarde a havia de ir encontrar—abraçou-me com efusão, dizendo-me:

— Adeus... não sei se nos tornaremos a ver um dia, mas

pode ter a certeza de que nunca mais na minha vida me esquecerei da senhora. A senhora foi a unica pessoa, até hoje, que me deu boas palavras. Ah! se eu tivesse tido uma mãe como a senhora!...

NOTA:— Este facto passou-se em 1883, quando Luisa Michel, na prisão de S. Lazaro, estava á espera de ser julgada pelos tumultos da Praça dos Invalidos. Fôra presa com Pougget, por ter incitado os desocupados a matar a fome nos grandes armazens.

## Páginas alheias

*Reconhecidos sabios afirmam ser impossível a vida da humanidade dentro do regime de anarquia. Apoiam esta sua gratuita afirmação nas deficiencias do ser humano, esquecendo que estas tomam origem no acidente social e não no fundamento da propria vida.*

*O atavismo, poder formidável no meio passado e presente, influiu na intelligencia desses sabios levando-os a deter-se ante o obstaculo social como inevitavel consequencia dos defeitos natos em todo o individuo.*

*O atavismo, sujeito ás transformações progressivas das idades, tem-se ido modificando, concluindo dai que o trabalho são e racional que se verifica nos tempos modernos, terminará por aumentá-lo, imprimindo em todos os seres o selo de uma condição propria para o desfrute de liberdades positivas. Pica por tanto destruido o insubstancial criterio dos sabios indicados.*

*A ciencia fisiologica auxilia-nos no conhecimento das notaveis aptidões do ser humano e estas aptidões adquirirão perfeito desenvolvimento fazendo intervir na educação da criança a lójica natural e não impondo a de um perigo fantastico.*

*Deste trabalho unicamente facil, depende a transformação anelada, sendo os resultados positvos um vigoroso mentis ás torpes afirmações de muitos sabios que decorrem sobre ideias que não estudaram ou se as tem estudado não as compreenderam.*

*Façam-se professores aptos: eduque-se a criança com os sistemas de um ensino são, racional e científico, e assim laborando, no transcurso de meio seculo, a humanidade terá desterrado toda a hipocrisia e malvadez que impelem o advento desse futuro social vislumbrado.*

Teresa Claramunt.

● A mulher não é nada inferior ao homem. E' outra, e eis tudo. E é por não terem querido compreender essa diferença criada pela natureza que, muitas vezes, o homem e a mulher são inimigos.—Octave Mirbeau

## ECCE-HOMO

*Eu não amo o Jesus, mansíssimo cordeiro,  
que vós, padres, cobris d'incensos e d'orações,  
esse que entre as mais vis, crueis imprecações,  
morreu fitando o ceu do alto dum madeiro...*

*O que esbofeteado, ofrece prazenteiro  
a outra face, sorrindo ás duras provações  
e que incapaz de ser um réto, um justiceiro,  
confundiu bons e maus na pia dos perdões.*

*Esse Cristo somente inspira compaixão.  
Não pôde ser um Deus: Justiça e Perfeição  
não consentem que o mal e o erro andem á solta...*

*O Cristo que eu adoro e em estasis contemplo  
é aquele que um dia — imajem da Revolta —  
ralhou a chicote os vendilhões do Templo!*

J. REGALA.

## Cartas a uma burgueza

Singular ideia a sua e complicada situação a minha! Sente-se escrava e pretende que a libertem. Apela para mim. E eu, minha amiga, nada poderei fazer n'esse sentido e nem mesmo que pudesse eu o faria. Sente-se escrava? Reconhece-se intimamente presa, acorrentada a muita coisa que lhe parece um absurdo ou que pressente que assim é? Pois só a minha amiga, com a sua própria ação, com o seu esforço próprio, poderá conseguir o que pretende e que desejava que eu fizesse, que fosse obra minha.

Só assim poderá ter solidas bases e será portanto duradoura, definitiva, a emancipação intelectual e moral que deseja.

Se fosse eu que trabalhasse o seu espírito á minha vontade, conforme me aprouvesse, tudo seria superficial e inconsistente. E havia de ficar ainda escrava. Escrava de ideias antigas cujas raízes eu não conseguiria arrancar e que iriam continuando a sugar o seu espírito, e escrava de mim mesmo, daquilo que eu fizesse...

Por isso, minha amiga, limitar-me-ei a pôr na sua frente, sob os seus olhos luminosos e inteligentes, alguma coisa do que penso. Depois, lá verá... Sobre aquilo que eu disser, com a franqueza que me pede e que eu terei absolutamente, toque que assuntos tocar, a minha amiga fará os raciocínios varios que as minhas ideias lhe sugerirem, e esforçar-se-á por aplicar aquilo que o seu espírito lhe fôr aconselhando. Terá mesmo prazer nisso.

Em resumo: Eu rasgo na sua frente horizontes claros e muito vastos, naturalmente desconhecidos para si, coloco-a num largo campo sem estradas, sem caminhos feitos. Depois — embora isto possa parecer-lhe crueldade... — abandono-a. E a minha amiga talhará, por si, o seu caminho e encontrará assim, um dia, a sua individualidade.

A sua emancipação será obra sua.

Mercê de influencias varias, do papel que o homem lhe marcou na sociedade, a mulher é uma creança. Como esta, namora qualquer brinquedo que se encontra esposto na montra reluzente das suas aspirações infantís, tem um grande entusiasmo quando lhe satisfazem o desejo de possuí-lo, e sofre terrivelmente se lho negam. Dão-lhe o brinquedo? Pouco o deixa durar. Parte-o no primeiro degrau da escada ao entrar em casa. Negam-lho? Tem uma birra enorme e é capaz de orijinar uma tragedia.

E' uma boneca amimada e complicada. Deem-lhe a ilusão de que manda e está contente. Coloquem-na num altar doirado — embora esse altar seja

uma prisão eterna — e sentir-se-á feliz julgando-se rainha ou deusa imperecível.

Desconhece o valor das coisas. Para satisfazer um capricho de momento — ás vezes bem insignificante — é capaz de se desfazer d'um objeto muito rico que lhe permitiria mil caprichos identicos ou de utilidades e prazeres muito maiores. Dá-se toda por uma bola de sabão que logo se desfaz; e tem, depois, ao ve-la desfazer-se bruscamente, uma dôr infinita...

Desconhece a vida e desconhece-se. Ignora os motivos dos seus atos e não lhe alcança o fim. Dá os seus passos sem saber porquê nem para quê ou enganando-se nas causas e não contando com os resultados, não pretendendo conhece-los antecipadamente.

Marcha na vida sem raciocinar ou raciocina mal. Aceita os preconceitos, as ideias feitas, as sebes com que lhe ladeiam o caminho, os muros altos com que lho limitam, sem inquirir se essas sebes e esses muros teem razão de ezistir. Nunca pensa, nunca lhe acode à mente que esses muros e essas sebes teem uma ezistencia mais virtual que real, que se erguem mercê da sua inercia, da sua submissão, da sua passividade.

E, se ás vezes uma ou outra passa, em qualquer ponto, por sobre a sebe, ou tenta transpor os muros altos, é mais por imperio do seu temperamento esccional que pela vontade serena — expressão de raciocínios muito completos, de uma individualidade feita.

E' propriedade do homem. E para que ela disto se não aperceba e não venha a revoltar-se, a pretender ser *alguem*, senhora de si mesma, é que ele a mantem na ignorancia e lhe fornece a toda a hora ideias falsas e lhe dá a impressão, a iluzão de que ela reina. Deixa-a andar pela cerca dizendo-lhe que ela é dona de tudo o que a rodeia... E para que não pense em fugir dali e ali se julgue feliz e não deseje seguir para os campos vastos e iluminados que as elevadas paredes lhe ocultam, o homem põe-lhe nessas paredes dizeres horri-veis, revela-lhe a ezistencia de papões muito feios e muito maus, e distribue á sua roda uma prepetua, inalteravel verdade...

... E a creança, atemorizada, acredita no que lhe diz quem tanto a estima e admira, e limita-se a ser mais uma flor do jardim onde se encontrou quando nasceu — flor que qualquer mão colherá e desfolhará como quizer... E a unica aspiração que tem — e quando a tem — é ter o veneno suficiente para matar ou enloquecer o homem que a colher, aspirar e desfolhar...

Não é isto, minha amiga?

Creio ter traçado nestas li-jeiras linhas bastante da psico-

loja da mulher e do papel que desempenha na sociedade de hoje, do que o homem conseguiu que ela seja. A minha amiga dirá se assim o entende olhando para si e para as muitas outras que conhece e que vivem no seu meio.

Concordará comigo, creio eu. Levam-me a fazer esta suposição as ideias que manifestou na sua carta e os desejos que mostra de não ser assim. A verdura da sua cerca embaciase, desaparece, não é verdade?

Já que o quer, vou leval-a para além dos muros altos. Não tenha medo, que os papões não andam por lá como lhe disseram, como lhe quizeram fazer acreditar... Venha dali!

Naturalmente ha-de parecer-lhe, depois, muito feio, muito sujo e muito escuro o jardim em que hoje vive; e ha de sentir muito claros, muito saudáveis e muito belos os campos iluminados e lavados de ar para onde vamos...

Mas, se assim não for o passo não será irreparavel. Se não quizer neles traçar o seu caminho e descobrir-se, encontrar-se a si propria, *ser alguém*, ter a alegria de o ser, voltará para o jardim onde a puzeram, regresará a esse recinto acanhado que hoje a desgosta um pouco e de que começa a duvidar.

Mas creio bem que não volta...

Sobral de Campos.

EM PASIS

## Formidável demonstração antimilitarista

No Pré-Saint-Gervais 200.000 pessoas protestam contra o restabelecimento do serviço de 3 anos

IMPRESSÕES DUM ARTISTA

Paris, 16 de Março.

É apenas o Paris do domingo sôb um ceu pardacento. Mas, na estação do Léste, já não é o Paris do domingo. Apertado num vagão do "Métro", tenho a sensação duma grande migração. Os passageiros não vão a negocios nem a passeio. Ha entre êles uma cumplicidade. Se um dos homens ou uma das mulheres que vão a meu lado, num vagão, não fosse á manifestação, estou certo de que os distinguiria dos outros, imediatamente. Penso nas épocas do passado, quando homens se agruparam e partiram, ás multidões, pelas estradas. Revejo uma gravura do livro de história que eu tinha aos nove anos: Godofredo de Builhão a prégar a cruzada. Um abalo do vagão faz-me perder o equilibrio: retem-me, com um gesto amigavel, um vizinho desconhecido. Há entre nós uma cumplicidade.

O Pré-Saint-Gervais: em bai-

xo, oficinas, depositos, fios de trolleys. As telhas dos telhados são dum vermelho empobrecido, como empobrecida é a côr do céu. Mais lonje, pousam sobre o horizonte ramos de arvores, como dedadas num muro. Depois é a estensão da erva das fortificações, onde os grupos fazem pontos negros. Cobertos de pano vermelho, os camiões que vão servir de estrado aos oradores parecem coretos de músicos, nos dias de festa, nas encruzilhadas. Em toda a extensão da erva, ainda não ha senão manchas vermelhas e pontos negros.

Dei apenas os bons dias a alguns amigos, estou ali apenas ha alguns minutos, e que se passou? Tudo mudou. Donde vieram êles? Donde continuam a vir? Volto-me. Já não vejo a estensão da erva. Não ha mais do que uma massa negra, unicamente crivada pelas faces, por serem mais claras. Ao lonje, os chapéus parecem tocar uo horizonté. Não ha mais do que esta multidão, á qual pertenco, e o céu.

Á qual pertenco. Pertenco-lhe na verdade? Não quero enganar ninguém; não quero ser enganado. Tenho tempo de responder a mim mesmo:

"Nenhuma consequencia da revolta deles me assusta. Ezerço o meu officio, que não é manual. Não creio que seja melhor que o meu. Mas os do meu officio são os divertidores dos burgueses, e o que eles chamam a ordem é a miseria do povo. Sou contra essa ordem. Quero essa revolta, tanto como eles a podem querer."

E agora já não preciso de raciocinar. Abandono-me. Sou um pedaço de multidão diante da tribuna n.º 4. Em volta das outras tribunas, esbagoam-se aplausos distantes. Sinto como que uma impaciencia: desejaria estar diante de todas as tribunas, por toda a parte onde está a multidão. Mas, por toda a parte onde ela está, estou eu tambem. Agora é com ela que eu respiro.

"O ruido dos cobres não ha de cobrir a nossa voz", clama Luquet. Elevam-se cantos: — "... vencer ou morrer!" Valem mais que os de Vincennes (\*). Não nos semelhamos aos piôlhos da areia, na praia, que continuam a saltar a sua vida de piôlhos, quando vem a vaga...

Passei diante dos couraceiros que faziam sébe e diante das casas, com as fachadas mortas, do domingo de Paris. E levava uma esperanza imensa, pensando que duzentos mil proletários recusavam morrer pelo sr. Étienne. (\*\*)

Leão Werth.

(\*) No mesmo dia, havia revista militar em Vincennes, com aparato official.

(\*\*) Etienne, capitalista e financeiro, interessado nos armamentos e na «dança dos milhões», é o ministro da guerra do gabinete Briand, o renegado.

## \* PELO MUNDO DA ARTE \*

## TEATRO

**Marcha nupcial**— 4 atos  
de Henry Bataille, tradução  
de Melo Barreto.

*Graça Plessans* (Palmira Torres), é filha duma família nobre, da provincia, toda agarrada aos seus *ilustres* antepassados, eivada de preconceitos e arruinada. Os pais procuram *arranjar* ás três filhas casamentos ricos para recuperarem com o *negocio* a fortuna perdida — o eterno criterio da nobreza e da burguesia: o casamento mercantil, ligado a uma situação social de destaque, que não envergonhe, nas apparencias sobretudo, o passado glorioso e as conveniências sociais...

*Graça* foi educada num convento e o seu character ressentese dum misticismo que quasi a ia levando a professar: esteve prestes a seguir a vida religiosa. Saíndo do convento, e ingressando num meio artificial e simplista duma família nobre provinciana, continuou a desconhecer o que é a sociedade, a vida prática moderna com todos os alcapões, encruzilhadas e achincalhamentos que a caracterizam e despedaçam os ideais, quando quem os deseja tem a inspirar-lhes um sentimento e não uma ideia convictamente raciocinada.

*Graça*, no seu idealismo místico, que esteve quasi a separá-la da família, não sente por esta uma afeição profunda, á parte a irmã mais nova, e tendo-se dedicado ao estudo da musica e do piano, apaixonase pelo professor.

O mestre de piano, *Claudio Morillot* (Carlos Santos), é também um carater místico, vivendo exclusivamente da sua arte. Fóra da musica, fóra do teclado do seu piano, nada é, nada sabe. Espirito infantil, ingenuo, apesar de sêr já um homem. E' um tímido, não é todavia um tólo; é um fraco, incapaz de resistir aos impulsos da sua paixão, ou a quem quer que seja; não é, no entanto, um estúpido. Vê e compreende, mas é impotente para realizar uma ação, tomar só por si uma resolução que não seja sobre a sua musica, a sua paixão absorvente, que êle confunde, consubstancia, afinal, na sua *madona*. Ao vê-la tocar piano a seu lado, êle confunde a arte e a ezeutante e acaba por habituar-se a vêr num trecho de musica, na *Marcha nupcial*, por exemplo, a *sua madona*, e a vêr na *sua madona*, apenas, a sua arte.

Nêstes dois personagens, essencialmente místicos, vivendo isolados, fóra do mundo, da sociedade, nasceu naturalmente

a necessidade idealista de viverem juntos e de se dedicarem até ao sacrificio.

A família de *Graça*, com a sua preocupação nobiliar quica, opõe-se terminantemente a esse casamento, com um mísero professor de musica...

Este facto, de *Morillot* sêr pobre e desprezado, ainda mais acerba a imaginação e o sentimentalismo místico de *Graça*, que sente prazer em dedicar-se a um ênte que nada tem e que julga amar apaixonada e exclusivamente. A dedicação, a abnegação pura, improficua, esteril, romantica, religiosa, que lhe ensinaram no convento, vem á supuração e hipertrofia-se dentro do seu sentimentalismo quicá doentio e leva-a a obrigar o musico a fugir com ela, abandonando assim a família, para se lançar nos braços do seu professor, do seu *Claudio*, e correr mundo, no turbilhão absorvente da sociedade, da sociedade parisiense.

O ato praticado por *Graça*, não foi um grito de revolta, dê libertação, de emancipação do jugo paterno. Não foi um ato refletido, com a significação, com a consciencia duma rebelião contra a convenção, contra a hipocrisia social. Não foi o resultado dum ideal social, em que a mulher deve dispôr de si como a sua vontade lhe dissêr. *Graça* é uma ignorante em assuntos de reivindicções sociais. Tendo vivido entre o convento e uma família retrógrada não chegaram ao seu conhecimento as criticas das falsas e impostoras convenções sociais. O autôr tem o cuidado de fazer salientar este facto nas duas cênas do 2.º e 4.º atos entre *Graça* e *Teresa* (Laura Cruz), em que ela pergunta o que pensam os que teem ideias modernas sobre o ato ou atos praticados por ela.

O ato que praticou foi puramente sentimentalista: dedicou-se a *Claudio* como se teria dedicado ao imaginario Deus. Nem ideias, nem o mais simples principio filosófico social, ou, sequer, uma causa sensual, determinaram a sua conduta. E na cêna do 1.º ato, netre ela e a amiga *Suzana Lechateiier* (Augusta Cordeiro), ainda se tem dúvida se ela procedeu por uma convicção ou por um sentimento apenas, mas depois, no decorrer da peça e nas duas cênas já citadas, convencemo-nos do contrario.

Chegados a París os dois amantes, idealizam uma vida modesta, mas sem privações, e se algumas houver será em holocausto do seu amor idealizado, será um prazer nas suas almas cheias de religiosidade.

No entanto, as circunstan-

cias economicas obrigam-nos a descereem á terra. Os dinheiros do pé de meia de *Graça* não podem durar sempre e são escassos. E' preciso arranjar onde ganhar o sustento de dia a dia. *Graça* resolve procurar, em París, os seus conhecidos, as suas amigas do convento e de familia,—não para lhes pedir uma esmola, mas um emprego, ainda que modesto, para *Claudio*, seja no que fôr e pago com o que pudêr sêr.

E' então que veem a casa de *Suzana* — 1.º ato —, a sua amiga de infancia e do convento, agora casada com um riquissimo fabricante de assucars, — *Rogério Lechateiier* (Antonio Pinheiro).

Recebida com efusão amistososa por *Suzana*, arrefece-lhe, todavia, a esta o entusiasmo quando *Graça* lhe narra o que fez.

As convenções sociais, as relações mundanas que *Suzana* mantem, interpõem-se entre ambas. Não pôde proteger abertamente uma pessoa que vive como *Graça*!... O receio de comprometêr-se aos olhos do mundo balôio que a rodeia e para quem a honestidade é apenas um fato da moda que se véste quando saímos á rua, leva-a a refrear os seus bons sentimentos, a não declarar-se ostensivamente protetora da sua antiga companheira do convento. Fará, porem, recatadamente o que pudêr. Falará ao marido.

O marido, *Rogério*, recebe-os friamente, desprezivelmente, sobretudo a *Claudio*. *Suzana*, porém, convence-o a fazer alguma coisa em favôr dêles, a emprega-los na fabrica, principalmente, depois de lhe ter narrado com enternecimento de mulher que é, a aventura romantica da fuga de *Graça*, dos seus sentimentos e do modo como trata o seu *Claudio*, procurando compô-lo, cuidando no nó da gravata, etc.

*Rogério*, é a sociedade, a burguesia, sensual e egoista, só pensando em si, nos seus prazeres, embora despedace vidas, aniquile ideais, esfrangalhe a felicidade e derrame a dôr, promova cataclismos, alargue o pantano em que vive e corrompa o que ainda ha de são e de bom.

*Rogério* é um dêsses êntes que tendo nascido na opulencia, vivendo num meio em que tudo se compra, não está acostumado a reflêtir, e só faz ó que o seu sensualismo caprichoso e exige e ordena — habituado a saciar-se e a não sêr contrariado. Apenas ilustrado, conhecendo a pratica da vida e como se subjugam os sêres que as condições sociais torna-

ram inferiores, incapazes de resistencia, tendo, apenas, o vernis duma civilização posticada pelo dinheiro — êle é, no fundo um selvagem impotente para refrear as paixões, para que o devêr humano suplante os instintos da bêsta.

*Rogério* é, pois, um conquistador, não escolhendo, não respeitando as mulheres. Todas lhe servem para os seus caprichos sensuais. Enquanto os não satisfaz, julga-se sempre verdadeira e profundamente apaixonado, *desta vêz a sério*, e num desespero de individuo sem educação, num delirio erotico, incomprimível, comete imprudencias, loucuras, provoca escandalos.

A injenuidade infantil de *Graça*, o seu romantismo cria em *Rogério* um dêsses estados patolójicos de erotismo. Deseja-a, quere-a, custe o que custar!

*Graça* luta, defende-se e ás primeiras referencias repele sarcasticamente *Rogério*.

Ainda sob a impressão dessa cêna e doutra entre a mãe e as irmãs, *Claudio* entra e cái desvairado nos braços de *Graça*: num momento de fraqueza, só pensando na *sua musica* e na *sua madona*, alcançou-se estupidamente nuns miseraveis 200 francos e foi descoberto. O choque é terrível para *Graça*! O seu ideal cai terrenamente numa rélés e inconciente gatunice! O amante aparece-lhe pela primeira vez apoucado: não é o que éla imaginára no seu romantismo ezaltado! Vai sêr despedido, prêso, talvez, por gatuno! Mas desta vez ainda o espirito de abnegação vence *Graça*! (2.º ato).

*Rogério* porém, não desanimou. Perdoado o furto, faz com que *Suzana* convide *Graça* a ir passar com êles alguns dias em Compiegne, a pretexto de restaurar forças...

*Rogério* envolve *Graça* numa atmosfêra de riquêza, de luxo, entontece-a com mil cuidados, multiplica-se, prodigaliza-se em obsequiá-la e ao menor desejo de *Graça*, os criados aparecem de todos os lados a satisfazê-lo. Nesta embriaguez brotam pela primeira vêz em *Graça* os sentidos da mulher. Tem pela primeira vêz a seu lado um homem. *Claudio* fôra para éla o ideal, a arte, a delicadeza; *Rogério* é para éla a materia, a animalidade!

Esta ultima qualidade está prestes a sêr vencedora quando intervem *Suzana*, a esposa de *Rogério*. *Graça* calca os seus sentidos de mulher e para não succumbir foje de Compiegne, para París. (3.º ato.)

Trava-se então o combate entre o idealismo e a materialidade. O idealismo é despedaçado

pela sociedade egoísta e sensual em que vivemos. A sociedade é a corrupção, o aniquilamento do ideal. Viver na sociedade é incompatível com idealismos, com a pureza, com a grandeza do sacrifício. A sociedade atraí-nos, estonteia-nos embriaga-nos com os seus luxos, com os seus prazeres — prostitue-nos.

Mas *Graça* é uma mística, a sua força está no negativismo. A tara conventual aparece em todos os seus atos, o filho que traz no ventre não lhe desperta movimentos de reação, pelo contrario, ainda a vida se lhe apresenta mais repugnante, a beleza da maternidade condenada pela religião encontra-se nela atrofiada, e como tudo nela é sentimentalismo e não ha um cerebros a pensar, uma mentalidade, uma convicção filosofica, ela foje a este combate — suicidando-se banalmente. Este desenlace romantico é lojico com o seu temperamento.

Mas a peça de Bataille dá esta impressão ao publico? Não. O conceito que o grande publico tira da *Marcha nupcial* é diverso. O publico vê simplesmente a aparência, os factos em bruto e não nos seus pormenores psicologicos e sociologicos. Para ele a conclusão é a seguinte: quem sai da convenção, quem quebra as normas que presidem à actual conduta social e geral, quem se revolta contra o existente, tem fatalmente diante de si a morte...

Se tivesse sido obediente, se não abandonasse o lar domestico, se não fosse uma ingrata, *Graça* teria vivido feliz e, talvez, casasse bem.

Mas desobedeceu e daí o resultado. A rebeldia contra a sociedade e as suas normas de conduta — embora falsas e hipocritas — é a morte. Tais são as conclusões reaccionarias que se podem tirar da peça, aliás interessantissima, de Bataille, se não a interpretarem como nós o fizemos. E daqui o seu principal erro.

Se *Graça* fosse uma intellectualidade, se o seu acto fosse o resultante dum ideal positivo humano, ela teria saído vencedora! mas ela era apenas sentimentalismo, misticismo...

Sob o ponto de vista da tecnica tem alem do erro apontado outro que nos chocou bastante: as descabidas danças do 3.º ato. Se o autor tinha necessidade de prolongar um pouco esse ato para preparar a cena final, doutros meios poderia ter lançado mão mais de harmonia com a fatura da peça...

No entanto a peça merece vêr-se e a sua complecsidade conquista a atenção tanto do espetador inculto como culto.

Com estas peças que se educa o publico.

A tradução, é dum dos socios do *trust* das traduções. Tem os mesmos defeitos de todas elas: falta de termos proprios, lin-

guagem torcida, sem significação e perdendo a ideia do autor. Como exemplo ha lá uns "olhos fatigados" e um "daqui" apontando a orelha que pedem palmatoria. Quando será que as empresas entregarão as traduções aos autores dramaticos para lhes compensar a pouca receita que, em regra, lhes dão os seus originais?...

\*

Quanto ao desempenho ha a destacar três personagens: os interpretados por Palmira Torres, Pinheiro e Carlos Santos.

Palmira Torres, interpretou bem o papel e traduziu a complecsidade do personagem, dando-lhe talvez um pouco de intellectualidade na cena do 1.º ato que, como já dissemos, engana o espetador, pois que faz advinhar, ao contrario do que é, que estamos diante duma intellectual. No resto da peça vai bem, sabendo ouvir e contracenar, o que, diga-se de passagem, nos agradou sobremaneira vêr não só em Palmira Torres, mas tambem em todos os demais interpretes. As cenas capitais do 2.º e 3.º e de todo o 4.º atos fazem a reputação duma artista.

Pinheiro, bem no seu complecso personagem, sendo-lhe por vezes prejudicial a sua boa interpretação a dição um pouco velada. As inflexões perfectas e inteligentemente emitidas como é costume por parte de Pinheiro chegam ao ouvido do espetador confusas em virtude desse defeito, que, cremos ser momentaneo. Nas cenas capitais com Palmira Torres não ficou em plano secundario e manteve em toda a peça o carater do personagem.

Carlos Santos marcou bem as características do seu papel, patenteando assim ao publico as qualidades que o distinguia e formavam.

Os demais interpretes em papeis secundarios formaram um conjunto aceitavel, salientando-se Augusta Cordeiro na cena do 3.º ato entre ela e Palmira Torres.

Pelo que dissemos do desempenho, conclue-se que a encenação é cuidada.

Adolfo Lima.

**Prevenimos os nossos assinantes da provincia de que já enviámos para o correio os recibos das suas assinaturas.**

**Aos nossos agentes mais uma vez pedimos que liquidem imediatamente as suas contas relativas aos numeros já publicados devendo-nos remeter as sobras com indicação do nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.**

## TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgão de luta social e economica.— Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.— Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza.— Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional.— Desenhos e caricaturas demolidoras.— Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza.— Correspondencia da provincia e do exterior.— Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates— Neno Vasco— Pinto Quartim— Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima — Afonso Manaças — Araujo Pereira — Aurelio Quintanilha — Bel-Adan — Campos Lima — Clemente Vieira dos Santos — Emilio Costa — Gaspar dos Santos — Humberto de Avelar — Ismael Pimentel — José Bacelar — José Benedy — José Carlos de Sousa — Manuel Ribeiro, Edmundo d'Oliveira e outros.

### Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente)	100
3 meses.....	300
6 meses.....	500
1 ano.....	1\$000
Numero avulso.....	20
Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio)...	500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses.....	2\$400
1 ano.....	4\$800
Numero avulso.....	100
Pacote de 50 exemplares.....	2\$500

Extérieur

Trois mois.....	2,50 fr.
Six mois.....	5 >
Um an.....	10 >
Prix du numero.....	0,25 >

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

**Um exemplar gratuito.** — Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que nos indiquem entre as suas relações, todas as pessoas suscetiveis de se interessarem pela leitura deste semanario.

Sobre os seus avisos, comunicando-nos os nomes e os endereços, enviaremos ás pessoas indicadas um exemplar gratuito que lhes permitirá avaliar a qualidade, o interesse e a utilidade da nossa publicação.

**Un spécimen gratuit.** — Nous prions tous nos lecteurs et amis de vouloir bien nous signaler, parmi leurs relations, toutes les personnes susceptibles de s'intéresser à la lecture de *Terra Livre*. Sur leur avis, nous donnons des noms et des adresses, nous nous fions un plaisir d'envoyer aux personnes indiquées un spécimen gratuit qui leur permettra de se rendre compte de la qualité, de la utilité et de l'intérêt de notre semainaire.

**Venda de livros.** — A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

**Notre service de librairie** — Se charge de fournir a tous nos abonnés et aux organisations tous ouvrages de librairie aux conditions habituelles de remise.

Adresser toute correspondance relative à la Redaction et à l'Administration à Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisbonne (Portugal).

— Per tutto ciò che riguarda la *Terra Livre*, indirizzare alla Rua das Gaveas, 55, 1.º. Lisbona (Portogallo)

— Cion, kio rilatas al *Terra Livre*, oni sendu al la Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisbona (Portugal).

— All correspondance for *Terra Livre* should be addressed to Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisbon (Portugal).

— All correspondenz für *Terra Livre* ist zu richten auf Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lissabon (Portugal).

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Agentes aceitam-se onde ainda os não haja

"Terra Livre" encontra-se à venda nos principais quiosques e tabacarias